

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

História Militar, c  
ca: “É óbvio que  
dele tradicional. E  
- da biografia dos  
ão só não desapare  
destaque nas hist

## História Militar

A Historiografia Militar assume-se como um relevante campo da história e da própria historiografia, indelevelmente presente nos percursos discursivos de muitos historiadores, seja desde a alusão belicista remota até ao pormenor mais incisivo dos assuntos militares. Desde os primórdios da disciplina histórica científica que as temáticas militares aspiram uma expressividade autónoma, embora estejam quase sempre subordinadas à história eminentemente *política*, remetendo-se, em termos genéricos, para as inúmeras narrativas dos heróis, batalhas e campanhas militares.

Assim, como problematizar as definições e os limites conceptuais da “História Militar” e, num outro patamar científico, quais as evoluções discursivas da “escrita da História Militar”, inclusivamente, da “Historiografia Militar”? De que modo os diversos autores nacionais e internacionais mais influentes pensaram estes conceitos e a sua estreita conexão e interoperabilidade?

Quase todos os registos historiográficos militares nortearam-se para os caminhos da exaltação/glorificação de um (quando não, um suposto) passado político-bélico, aparentados com os imperativos ‘oficiais’ das construções históricas regionais, nacionais e imperiais. Porém, num outro prisma analítico, manifestou-se sempre alguma dissimulação entre a especialização e a generalização dos assuntos militares em toda a escrita historiográfica, a qual se constituiu gradualmente como um dos eixos centrais da história. A investigação historiográfica abrange os processos pelos quais a história, enquanto disciplina, ambiciona expandir a sua percepção sobre determinados acontecimentos históricos. Envolve, necessariamente, uma articulação cronológico-metodológica entre as tendências históricas e os problemas da investigação historiográfica ao longo dos tempos. Deste modo, poderemos adquirir uma percepção, ainda que compreensivelmente genérica, sobre a Historiografia e os seus contributos para a evolução da história.

Pretendemos, assim, apresentar um quadro sinóptico sobre algumas especificidades historiográficas, os seus protagonistas, objectos e métodos de estudo da Historiografia Militar portuguesa. Denota-se que a História Militar sofreu um processo de segregação, embora de forma distinta em cada país, e só nas décadas de 1970-1980 conhecerá o seu *turning point* em França e em Inglaterra graças às iniciativas universitárias e à cooperação da Comissão Internacional de História Militar (CIHM). Deste modo, a Historiografia Militar, dita tradicional, a qual perfilha as definições de “acontecimento”, “tempo” e “sujeito”, a história era a sucessão cronológica dos grandes feitos dos heróis e líderes militares e, na irrefutável maioria, dos chefes políticos. Este imperativo do *événementiel* político-militar estipulava, *a priori*, uma certa identidade historiográfica



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

diferenciada entre História Geral e a História Militar, concebida como o estudo específico da guerra ou da actividade bélica: “É óbvio que a história militar permaneceu e continuou a cultivar-se segundo o modelo tradicional. E no caso da escola histórica inglesa, cuja tradição da história militar – da biografia dos grandes chefes à história da batalha – teve sempre grande prestígio, não só não desapareceu do panorama historiográfico como ocupou mesmo um lugar de destaque nas histórias gerais mais importantes, como a *New Cambridge History*. Mas esta é a excepção, porque a regra é outra. Com a fuga dos historiadores da história-batalha, a história militar retira-se para dentro do muro dos quartéis. Feita por militares e para militares, e assim privada da reflexão histórica geral, a história militar sofre um processo de marginalização/automarginalização com efeito duplamente negativo sobre o seu desenvolvimento e que marca todo o período da sua crise: em primeiro lugar fecha-se nos problemas internos, técnicos e específicos da instituição militar, evitando toda a reflexão sobre a relação dos militares com a sociedade civil e a política no sentido mais global. Em segundo lugar corta todo o diálogo com a história, agravando assim o fosso entre a história militar e a história geral, a primeira sempre apegada ao paradigma tradicional, a segunda em pleno processo de renovação” (Teixeira, «A História Militar...», 1991, 59).

Nos inícios do século XIX, a disciplina histórica tendeu a adquirir uma maior erudição, mas também um sentido de modernidade e intervenção sociopolítica, mantendo uma emulação com as demais Ciências, embora nem sempre tal sucedesse entre nós: “Assim como os acontecimentos políticos e militares não ocorrem isolados, assim também se não podem estudar isolados. Contudo, a história militar portuguesa tem sido feita em completo afastamento dos acontecimentos sociais, económicos e culturais; as únicas relações procuradas pelos historiadores militares visam acontecimentos políticos (de que os militares são considerados decorrentes) e, em menor grau, os aspectos técnicos da guerra. Mas também, como se disse atrás, não há dúvida de que muitos dos historiadores da economia ou da cultura procedem do mesmo modo em relação à história política e militar que desconhecem. Se a história militar segue o seu curso num «*splendid*» isolamento, este, em história económica ou cultural, não tem sido menos «*splendid*» (Macedo, *O Bloqueio Continental...*, 1990, 32-33)”.

Recordando os movimentos nacionalistas europeus na segunda metade do século XIX até à Primeira Guerra Mundial, constatamos que as historiografias oficiais desempenharam uma função reguladora na legitimação socio-política dos Estados nacionais. Obviamente que coexistiram várias tendências historiográficas nacionais, algumas até contrárias aos discursos oficiais, tal como referiu Nuno Severiano Teixeira (Teixeira, «A História Militar...», 1991), embora imperassem as versões autorizadas pelos poderes públicos. A história abonava a construção e reforço das identidades do Estado através da transmissão dos valores antigos, onde a guerra, os feitos militares e os heróis constituíam as referências na evolução histórica e, em alguns casos, o mito fundador da própria nacionalidade, uma premissa categórica na nossa história, no que concerne à figura de D. Afonso Henriques, por exemplo.

A História Militar estava relacionada com os estudos da Estratégia e da Tática, fundamentadas nos exemplos das campanhas passadas, de modo a prever o planeamento e prossecução das operações



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

militares. Partilhava os elementos básicos da história Geral, assim como lhe oferecia um espaço privilegiado: a descrição das campanhas, das batalhas e dos grandes chefes militares e as suas façanhas. Contudo, será contra esta corrente historiográfica alicerçada no *événementiel* político-militar e na legitimação política da história (mormente, na História Política) que se dará o processo de renovação historiográfica militar, pese ser necessário não sobrepor o uso da memória histórica pelos militares à História político-militar tradicional, assim como aos respectivos processos de revisão crítica e científica.

Delineando um esboço dessa evolução científica, desejamos contribuir para as discussões metodológicas metodológicas e historiográficas desse campo de estudo dos historiadores, fomentando o debate acerca das interpretações da História Militar, avaliando os embates entre as historiografias conservadoras e as historiografias mais recentes. O modo de *fazer* história foi eminentemente patriótico, com grande afinidade para o período medieval, aonde teria ocorrido o advento das nacionalidades. Foi um tempo de enorme divulgação cultural e científica, onde se assiste à dilatação do público leitor, sendo que os historiadores foram também jornalistas e líderes de opinião, como Alexandre Herculano (1810-1877) ou Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), o qual interrompeu a carreira no posto de capitão, mas influenciou sobremaneira a sua escrita historiográfica com uma compleição militar.

Transparecerá nos textos de história uma noção indelével de *volksgeist*, ou seja, a evocação da alma do povo ou o génio nacional, motivando patriotismos exacerbados e a defesa intransigente das consciências cívicas. A constituição da história como disciplina científica, movida pelo Romantismo, tenderá para o culto da história pátria, o mesmo sucedendo nas temáticas militares. Entre inúmeros exemplos, despontam títulos cruciais como *Mélanges Militaires, Littéraires et Sentimentales* (1795-1811), de Charles-Joseph, príncipe de Ligne (1735-1814); *Handbuch der Artillerie* (1804), de Gerhard von Scharnhorst (1755-1813); *Vom Kriege* (1832), de Carl von Clausewitz (1780-1831); *Précis de l'Art de la Guerre* (1836), de Antoine-Henri Jomini (1779-1869), entre tantas outras obras e eruditos, simultaneamente militares e académicos.

A História Militar desenvolveu-se na esfera da História Universal, em que o acontecimento militar era encarado como uma projecção social em sentido amplo, abrangendo o estudo das suas afinidades com o progresso das instituições e do próprio pensamento militar. Em Portugal, a História Militar seguiu os trilhos das suas congéneres europeias, pelo que, no decorrer do século XIX e grande parte do século XX, o seu campo de pesquisa seria um monopólio dos historiadores militares, limitando-se à narrativa dos sucessos/malogros militares e às biografias dos grandes *cabos de guerra*.

Assim se justifica que, a partir de 1850, a História Militar tornar-se-ia um utensílio ao serviço do Estado para servir a coesão interna e a afirmação externa de Portugal após o período perturbado das Invasões Francesas e das lutas civis, como o seria, embora mais tenuemente, no Estado Novo, sobretudo, nas décadas de 1930-1940, para reforço doutrinador do espírito nacionalista oficial, embora a função estritamente militar mantenha o seu carácter decisivo, ainda nos nossos dias. Naturalmente inseridos nas estruturas militares, desde a segunda metade do século XIX até às primeiras décadas do século XX os historiadores (quase todos militares de carreira) produziram estudos preciosos dentro de uma matriz tradicional da Historiografia e que



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

subsistiriam até à actualidade, manifestando uma produção quási panegírica do Exército e de Portugal.

De entre os historiadores militares nacionais dedicados à História Militar desde os inícios do século XIX até aos nossos dias, começamos por focar a vida e obra historiográfica de Francisco Pedro Celestino Soares (c. 1791/3-1870), contra-almirante da Armada, membro do Conselho de Estado, deputado às Cortes e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Interessou-se pela problematização e divulgação da História dos Descobrimentos portugueses, evidenciando-se, entre outros títulos, a sua obra-prima *Quadros Navaes ou Collecção dos Folhetins Maritimos do Patriota, seguidos de uma Epopeia Naval Portuguesa* (1845; 1861-1869).

Segue-se um dos historiadores mais influentes do nosso panorama militar, o general de divisão Fortunato José Barreiros (1797-1885), antigo comandante da Escola do Exército e cujas reflexões históricas e técnico-militares persistem uma autoridade incontestada nas Ciências Militares. Assumiu a direcção do primeiro volume da *Revista Militar* (1849) e, curiosamente, foi um dos primeiros militares a publicar considerações sobre Tática e Estratégia, intimamente inspiradas na História de Portugal e da Europa, como se deduz do *Ensaio sobre os Principios Geraes de Strategia, e de Grande Tactica, escriptos para instrucção dos alumnos da Escola do Exercito* (1837).

Um dos principais expoentes da História Militar portuguesa foi também Simão José da Luz Soriano (1802-1891), autor da monumental *Historia da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834* (1866-1890), um itinerário historiográfico essencial. Entretanto, refira-se o major João Manuel Cordeiro (1811-1901), o qual, além de engenheiro militar e matemático, cultivou a História Militar, como se deduz dos seus trabalhos, quase todos publicados na *Revista Militar*, além dos *Apontamentos para a Historia do Arsenal do Exercito* (1892) e, num prisma idêntico, os *Apontamentos para a Historia da Artilharia Portuguesa* (1895), obras fundamentais para a história da artilharia.

Quanto aos historiadores militares portugueses quase caídos no esquecimento, e que não serão nada poucos, conta-se o general de divisão António Melo Breyner (1813-1866), director da *Revista Militar* (a partir de 1862) e do diário *Pátria* (Fevereiro-Dezembro de 1885), autor de «*Considerações historicas sobre a utilidade das praças de guerra e sua applicação à defesa de Lisboa*» (1854; 1862), onde tentou demonstrar porque muitas cidades sitiadas não foram conquistadas ao longo da história. Por conseguinte, defendia que Lisboa deveria ser convenientemente fortificada, argumentos materializados com a criação do Campo Entrincheirado de Lisboa (1899).

No grupo dos divulgadores da História Militar, encontra-se o general de divisão António Florêncio de Sousa Pinto (1818-1890), sócio fundador e redactor da *Revista Militar*, tendo sido presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e um dos fundadores do Grémio Literário de Lisboa. Escreveu numerosos títulos técnico-militares, literários e jornalísticos compilados em *Divagações Históricas* (1887), onde apelava à promoção da herança histórica na formação das elites militares.

Entre os mais aureolados historiadores militares portugueses, recordamos o general de divisão Cláudio



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bernardo Pereira de Chaby (1818-1905), adstrito à Secção Histórica do Arquivo Geral do Ministério da Guerra, onde recolheu a documentação histórico-militar desde os meados do século XVII até às primeiras décadas do século XIX, além dos arquivos militares de Espanha em busca de documentos relativos à Guerra Peninsular, produzindo alguns dos mais prestigiantes trabalhos nestes domínios: *Excerptos Historicos e Collecção de Documentos relativos á Guerra denominada da Peninsula e ás anteriores de 1801, e do Roussillon e Cataluña...* (1863-1882). Outro dos seus trabalhos notáveis foi a edição dos *Apontamentos para a historia da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I mandada sair de Portugal em 1808, narrativa do tenente Theotónio Banha* (1863). Por fim, refira-se, pela sua monumentalidade e focando a actividade do Conselho de Guerra (1640-1834), a *Synopse dos decretos remmetidos ao extinto Conselho de Guerra, desde o estabelecimento d'este tribunal em 11 de Dezembro de 1640, até á sua extinção decretada em 1.º de Julho de 1834...* (1869-1889).

No círculo dos historiadores militares que permanecem vivos na nossa memória colectiva, recordamos o general de brigada José Maria Latino Coelho (1825-1891), autor de uma *Historia Militar e Politica de Portugal desde os fins do XVIII Seculo até 1814* (1874-1891; 1916). Mas ainda no que concerne aos historiadores militares quase desconhecidos, mas cuja obra é apreciável, apontamos o coronel de Infantaria Jaime Frederico Cordeiro (1829-1902), coordenador de um excelente *Diccionario Militar, Etymologico, Historico, Technologico...* (1880-1882). Relembrando outros militares que dissertaram sobre história, refiram-se, para memória futura, as preocupações actualíssimas do então capitão de artilharia J. M. de Oliveira Simões (1880-1946) acerca do ensino superior militar, tal como demonstrado em *A Escola do Exercito: breve noticia da sua Historia e da sua situação actual* (1892). Logo após, no mesmo contexto, veja-se *L'École de L'Armée de Lisbonne: Histoire – Enseignement – Organization* (1900), do coronel Francisco Felisberto Dias Costa (1853-1913), uma preocupação que se manterá em *A Escola Militar de Lisboa: Historia-Organização-Ensino* (1922), de Camilo Sena (?-?) – também o autor de «Marinha de Guerra Portuguesa: apontamentos para a sua Historia» (1926) –, bem como *A Escola do Exército: Sua Fundação e Evolução Histórica* (1950), do tenente-coronel Alfredo Pereira da Conceição (1911-1972), etc.

Dos militares e académicos mais prestigiados do seu tempo contam-se, sem qualquer dúvida, o general de divisão José Estêvão de Morais Sarmiento (1843-1930), comandante da Escola do Exército, deputado pelo Partido Regenerador e ministro da Guerra. Fundador do jornal *Diário Popular*, encontra-se entre os autores e directores mais proficientes da *Revista Militar*, o que motivaria a sua eleição para sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Atendendo unicamente à sua faceta historiográfica, legou-nos obras de valor, entre as quais *O valor histórico dos cronistas medievais e designadamente de Fernão Lopes* (1923), sem esquecer, obviamente, *D. Pedro I e a sua Época* (1924), etc. Empenhado nas problemáticas da história, preocupou-se em conquistar um público fiel, gozando de uma notoriedade sedimentada na probidade dos seus estudos histórico-políticos e na colaboração com a imprensa periódica.

Quanto às iniciativas bibliográficas que complementam a investigação histórica militar, teremos que referir o general de brigada Francisco Augusto Martins de Carvalho (1844-1921). Além dos trabalhos de temática





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

militar, estudos bibliográficos e história local, organizou o *Diccionario Bibliographico Militar Portuguez* (1891; 1976-1979). Elaborado à semelhança do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1858-1923), de Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), a sua reedição integral, iniciada em 1976, ainda não foi concluída.

No círculo dos historiadores que ampliaram as opções científico-epistemológicas da História Militar, contam-se Francisco Marques de Sousa Viterbo (c. 1845/6-1910), poeta, arqueólogo, historiador e jornalista português, autor do *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal* (1899-1922). Contudo, atendendo ao progresso conceptual das Ciências Militares, as quais podem conter a História Militar, destacaram-se os trabalhos do general de divisão Sebastião Custódio de Sousa Teles (1847-1921). A sua *Introdução ao Estudo dos Conhecimentos Militares* (1887; 1947) seria galardoada com o Prémio D. Luís I (1891) atribuído pela Academia Real das Ciências de Lisboa, revestindo-se de relevância para o pensamento militar nacional, delineada por um carácter positivista, a que não foram alheias as influências da História e Literatura Militares.

Um dos historiadores militares mais promissores na segunda metade do século XIX foi o major Fernando da Costa Maya (1853-1904), formado pela Escola Politécnica e a Escola do Exército, onde exerceu a docência, atestando-se a sua erudição em *A Província do Porto*, no *Diário de Notícias* e na *Revista Militar*, etc. Publicou *Subsidios para a Historia Militar de Portugal* (1902) e *Memoria Historica e Descritiva do Real Collegio Militar* (1903), entre outros trabalhos que propiciaram um reconhecimento europeu.

Seguiu-se o general de divisão Carlos Roma do Bocage (1853-1918), aparentado com o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), era filho de um dos melhores cientistas portugueses do século XIX, o doutor José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907). Assim, além de uma carreira militar brilhante, salientou-se como historiador, publicista, diplomata e deputado. As suas obras incidiram sobre assuntos militares, em cujos enredos a história está fortemente presente, como em *Origem do Condado de Portugal...* (1887) ou «O desembarque do Duque d'Alba em 1580» (1910), etc.

Entre os verdadeiros exemplos na Historiografia Militar portuguesa contam-se as reflexões histórico-arquivísticas de Cristóvão Ayres de Magalhães Sepúlveda (1853-1930), autor da *Historia Organica e Politica do Exercito Portuguez...* (1902-1932) e do utilíssimo *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular...* (1924-1930). Numa outra dinâmica, recorde-se o major de Cavalaria D. António José de Mello (c. 1856/1859-1946), que foi um entusiasta da investigação arqueológica enquanto sócio efectivo da Associação dos Architectos e Arqueólogos Portugueses, sendo o autor de *Archeologia* (1890).

Um dos impulsionadores da História Militar na primeira metade do século XX, o general Vitoriano José César (1860-1939) foi lente na Escola de Guerra e presidente da Comissão de História Militar. Colaborou na *História de Portugal* (1928-1937), dita 'de Barcelos', sob a direcção de Damião Peres (1889-1976), ingressou na direcção da *Revista Militar* e assinou vários títulos, como *Invasões Francesas* (1903-1910); *Bibliografia da Grande Guerra (resenha das publicações portuguesas)* (1922); *A Fundação da Monarquia Portuguesa (Batalha d'Ourique) 25 de Julho de 1139* (1927).

O general José Justino Teixeira Botelho (1864-1956), notável académico, historiador e tradutor, colaborou



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

com Eduardo Augusto Ferreira da Costa (1865-1907) e Ayres de Ornelas e Vasconcelos (1866-1930) na fundação da *Revista do Exército e da Armada* (1893-1904), da qual eram proprietários. Foi redactor da *Revista Militar* e colaborou no *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, o *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, o *Journal of the Society of Army Historical Research* (Inglaterra), etc. Autor de uma ilustre obra historiográfica, a sua premiada *História Popular da Guerra Peninsular* (1915) e *História Militar e Política dos Portugueses em Moçambique de 1833 aos nossos dias* (1921; 1934; 1936), reflectiu sobre a acção civilizadora portuguesa em África. Sem esquecer outras obras, como *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa* (1944-1948), no campo estritamente historiográfico foi igualmente um pioneiro, demonstrado em «Tendências da Historiografia Militar em Inglaterra nos últimos anos» (1931). Foi membro efectivo da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Academia das Ciências de Lisboa e um dos primeiros académicos da Academia Portuguesa da História após o seu restabelecimento em 1936.

É forçoso assinalar a peculiaridade do coronel de Engenharia Rodolfo Ferreira Dias Guimarães (1866-1918), mais vocacionado para os trabalhos matemáticos, reconhecido pela comunidade científica nacional e internacional, um verdadeiro precursor dos estudos historiográficos em Matemática, como fica patente em «Vida e descendência de Pedro Nunes» (1915), coligindo os artigos previamente publicados em *O Instituto*. Mas a sua obra-prima seria a edição, em francês, de *Les Mathématiques en Portugal au XIX<sup>e</sup> Siècle* (1900; 1909-1911), uma compilação crítica de toda a bibliografia matemática elaborada desde o início da nacionalidade e editada na Exposição Universal de Paris (1900).

Entre as individualidades que se evidenciaram na cultura castrense nacional na primeira metade do século XX, refira-se o general Luís Augusto Ferreira Martins (1875-1967), com um vasto currículo nos campos militares e científicos, mais conhecido pela sua obra-prima, ainda consultada com proveito, a *História do Exército Português* (1945), uma verdadeira 'milestone'. Foi sub-chefe do estado-maior do Corpo Expedicionário Português enviado para a Flandres (1917-1918), dando à estampa títulos como *Portugal na Grande Guerra*, (1934-1935); *Uma história da acção dos portugueses na Grande Guerra* (1935); *Glórias e martírios da colonização portuguesa* (1939), etc.

O coronel Belisário Pimenta (1879-1969) frequentou a Escola do Exército e a Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Abandonando a vida política, dedicou-se à investigação histórica e aos estudos literários, sendo colaborador artístico do *Diário de Lisboa* e na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935-1957), sendo membro da Academia Portuguesa da História. Da sua bibliografia, ainda parcialmente inédita, elegemos «Esboço da evolução das ideias militares em Portugal» (1942); «O Marechal Saldanha, sua vida militar, suas ideias e métodos» (1957), etc.

O tenente-coronel de Artilharia Augusto Botelho da Costa Veiga (1881-1965), célebre académico a quem a história e cultura portuguesas muito devem. Além da carreira militar, foi um medievalista de renome, na senda de um Alexandre Herculano, além de director da Biblioteca Nacional (1928-1950), o que muito favoreceu as suas pesquisas históricas, sendo autor de *Estudos de História Militar Portuguesa* (1936, 1939).

É impreterível referirmos o coronel de Artilharia Henrique de Campos Ferreira Lima (1882-1949), director



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(e renovador) do *Arquivo Histórico Militar* (1927-1949). Da sua lavra contam-se centenas de trabalhos consagrados a figuras históricas nacionais e estrangeiras que se salientaram nas Armas. Foi um dos académicos responsáveis pela restauração da Academia Portuguesa da História, renovando o espírito historiográfico militar, denotando-lhe um novo fulgor crítico, influenciado pelo pensamento metódico, como comprovado em «Gomes Freire de Andrade: notas bibliográficas e iconográficas...» (1919); «O Tenente-General Bartolomeu da Costa: notícia biográfica» (1924); «Os Suíços no Exército Português» (1937), etc.

No universo dos historiadores que contribuíram para os avanços da Historiografia Militar é forçoso mencionarmos o antigo capitão Gastão de Mello de Matos (1890-1971), uma figura grata à Historiografia do Estado Novo, especializando-se no período histórico da Restauração, especialmente nas suas vertentes militares. Se existe uma obra de História Militar que continua a ser o manual de estudo dos alunos nos institutos, escolas e academias militares nacionais será, com toda a certeza, o *Portugal Militar. Compêndio de História Militar e Naval de Portugal desde as origens do Estado Portucalense até ao fim da Dinastia de Bragança* (1931, 1936; 1991, 1994, 1999, 2006), da autoria de Carlos Selvagem, o pseudónimo literário de Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos (1890-1973). Esta obra tentou responder às necessidades formativas dos oficiais em todas as Armas, respondendo aos apelos do Ministério da Guerra (1926); mas, apesar do seu pendor nacionalista, ainda assiste a uma procura expressiva pelo grande público. Carlos Selvagem, uma alcunha dos tempos do Colégio Militar, foi governador no norte de Moçambique durante a Primeira Guerra Mundial e presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, e redigiu outros títulos como *A batalha de La Lys e o Marechal Gomes da Costa* (1963) ou *D. João IV e as Guerras da Restauração, os Generais e os Diplomatas, as Letras e as Artes* (1972).

Também no discurso historiográfico da Arqueologia Militar recorde-se o entusiasmo do tenente-coronel Afonso do Paço (1895-1968), um dos mais venerados arqueólogos. Numa outra linha e retomando a tradição dos trabalhos arquivísticos, imprescindíveis aos progressos historiográficos, na senda de Cláudio Bernardo Pereira de Chaby, encontram-se os trabalhos do coronel Horácio Madureira dos Santos (1900-?), director do Arquivo Histórico Militar. Nesse sentido, as suas pesquisas são impreteríveis para o estudo da Restauração de 1640-1668, como se depreende do «Catálogo dos Decretos do extinto Conselho de Guerra na parte não publicada pelo general Cláudio de Chaby» (1958); *Cartas e outros documentos da época da Guerra da Aclamação* (1973); *Decretos do extinto Conselho de Guerra: índice geral onomástico e complemento ao aditamento do catálogo dos decretos existentes, por cópia* (1977).

Aludindo às panorâmicas historiográficas vigentes até aos finais da década de 1970, já num contexto democrático, e no que respeita às personalidades e rumos gerais da Historiografia Militar, há que mencionar a profunda influência académica do general Luís Maria da Câmara Pina (1904-1980). Director da *Revista Militar* e membro de várias agremiações científicas, entre as quais a Academia Portuguesa da História, contribuiu para o cultivo da Historiografia Militar quando esta vertente historiográfica estava em franca estagnação, mas cujos testemunhos inverteram esse impulso: *Jomini, grande senhor da Estratégia* (1946); *Relances de História* (1969); «Da personalidade militar de D. Afonso Henriques» (1977); «A batalha de S.





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Mamede (24-VI-1128): subsídios para a sua história militar» (1978).

A História Militar tem sido, por regra, a área de actividade dos “militares historiadores”, anteriormente acusados de pouca sensibilidade metodológica e de não serem historiadores profissionais, mas apenas meros cultores da História Pátria. Os seus exercícios historiográficos tenderiam, por sua vez, ao impulso encomiástico, à exemplificação moralista e à metaforização excessiva. Tratava-se, efectivamente, de um modo de “fazer História” unicamente descritivo, sem problematizar especificamente o acontecimento ou o(s) indivíduo(s), *per si*.

Todavia, com o declínio dos padrões estruturalistas e marxistas no ‘*ofício dos historiadores*’ nos finais da década de 1970, multiplicar-se-ão as interlocuções interdisciplinares e institucionais, permitindo novas perspectivas teórico-temáticas relacionadas com os círculos da História Social e da Nova História Cultural. A ascensão de novas exigências historiográficas completamente distintas provocará uma quebra de identidade e afinidade entre a História Geral e a História Militar e, conseqüentemente, os historiadores privilegiarão os estudos militares, inclusive através de ópticas económico-sociais, prevendo uma especificidade e valorização académica crescentes: “Na verdade, durante décadas – em especial a partir das críticas da escola francesa lançada sobre a denominada *história-batalha*, e, de seguida, com o desprestígio do acontecimento e do político diante do estudo, predominantemente influenciado pelo marxismo, dos vestígios da chamada «cultura material» – falar de uma forma empenhada e sistemática de guerras e de batalhas, de chefes militares e de soldados, de castelos, fortalezas, espadas e canhões, do sofrimento e da glória dessa espécie que apenas o ímpeto dos combates produz, foi algo por vezes entendido nos meios universitários como «antiquado» ou mesmo «pouco científico», reservado a alguns excêntricos nostálgicos da velha historiografia positivista, ou então a simples e caricatos colecionadores de factos. No entanto, essa tendência foi ultrapassada, envolvida no movimento de ampliação dos interesses e dos instrumentos da história e ajudada também por uma certa «moda» da temática militar, particularmente notada a partir de setenta, e que o interesse dos recentes conflitos do Golfo Pérsico e da ex-Jugoslávia – evidenciando a importância dos condicionantes culturais e o papel, por via da intervenção mediática, da influência da opinião pública na própria sequência da guerra – fez aumentar bastante. A prova disso é o revigoramento, sentido a um nível internacional, desta área do saber histórico, agora abastecida de novos procedimentos metodológicos e desenvolvendo um proveitoso comércio com outras áreas do conhecimento” (Rui Bebiano, «Sobre a Historiografia...», 1992, 301-302).

Por fim, e para tempos mais recentes, é inevitável assinalar os historiadores que renovaram a Historiografia Militar, tais como o general Manuel Themudo Barata (1920-2003), o coronel Carlos da Costa Gomes Bessa (1922-2013) e o general Gabriel do Espírito Santo (1935-2014), sem omitir a elevada produção científica do general José Loureiro dos Santos, do general António Martins Barrento, do tenente-coronel António Lopes Pires Nunes, do coronel Luís Alves de Fraga, do coronel Aniceto Afonso e do coronel Carlos de Matos Gomes, não omitindo outros historiadores militares ou, num outro patamar, a relevância gradual dos historiadores civis, nomeadamente António Pedro Vicente, Fernando Pereira Marques, António José Telo e Nuno Severiano Teixeira, e não olvidando os trabalhos historiográficos de Rui Bebiano, João Gouveia Monteiro, Miguel Gomes



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Martins e outros intelectuais activos, os quais continuam a repensar a história e a Historiografia Militar em toda a sua vastidão conceptual.

No âmbito institucional, é imperativo aludir às múltiplas diligências da CPHM – Comissão Portuguesa de História Militar (1989), uma organização militar com desígnios académicos transversais a todos os ramos das Forças Armadas e aos meios universitários nacionais e internacionais. Detém um protagonismo incontornável na expressão e renovação da Historiografia Militar, em articulação com a actividade historiográfica universitária, gradativamente receptiva a estes campos de investigação. Neste sentido, refiram-se os colóquios e os congressos internacionais promovidos anualmente desde 1990, em consonância com a Comissão Internacional de História Militar (CIHM), marcados pela abordagem a novas facetas da História Militar em Portugal e na Europa, assim como à escala intercontinental. Evocando inúmeras personalidades militares na sociedade portuguesa ao longo da sua história, os progressos técnico-científicos bélicos e os acontecimentos político-militares, tem renovado a hermenêutica do “fenómeno da guerra”, como visível nas suas *Actas*. Para fomento dos estudos historiográficos militares, promove anualmente o “Prémio Defesa Nacional”, o qual premeia trabalhos de História Militar realizados por cidadãos portugueses.

De entre as obras de referência fundamentais na Historiografia Militar presente, assinalamos a singular *Nova História Militar de Portugal* (vols. I-V, 2003-2004), dirigida por Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, a qual congregou uma plêiade dos melhores especialistas nestes meandros. O fenómeno da «guerra» foi analisado desde a medievalidade, percorrendo a Idade Moderna e contemplando a contemporaneidade até às “novas experiências da guerra”, da autoria de numerosos colaboradores. Trata-se da primeira História Militar de Portugal publicada após o *Portugal Militar...* (1931), por Carlos Selvagem – não atendendo às suas diversas reedições –, embora permaneça um título essencial. Com o maior interesse, refira-se a recente síntese coordenada por Nuno Severiano Teixeira, em colaboração com Francisco Contente Domingues e João Gouveia Monteiro, patente em *História Militar de Portugal* (2017).

No que concerne à memória institucional do Exército, é essencial mencionarmos a edição do *Boletim do Arquivo Histórico Militar* desde 1930, sob a responsabilidade do Arquivo Histórico Militar (AHM), o qual reúne vastíssima informação militar, sendo uma ferramenta imprescindível para as indagações documentais. Nesse mesmo campo, recordamos o meticoloso trabalho de recolha documental nos numerosos volumes da *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, cuja publicação conserva-se sob a responsabilidade da Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA) desde 1988, na dependência da Direcção de História e Cultura Militar (DHCM).

Por fim, relembremos o peso gradativo da História Militar nos *curricula* das Escolas Militares e da Universidade em geral, muito além de ser simplesmente uma unidade curricular. Assim, o primeiro mestrado em História Militar foi estabelecido numa parceria entre a Academia Militar e a Universidade dos Açores (2005). Seguir-se-ia o mestrado e o doutoramento em História, Estudos de Segurança e Defesa, o primeiro programa de estudos no ensino superior militar, agora numa cooperação entre a Academia Militar e o ISCTE-IUL – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa/Instituto Universitário de Lisboa.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Por certo, existirão sempre diferenças formativas e/ou estruturais entre as panorâmicas politicamente globais dos docentes civis de História Militar contrapondo-se a uma típica visão dos heróis por parte dos docentes militares, pese que a maioria destes ainda carecem de formação aprofundada em história. Por conseguinte, dissertar cientificamente sobre historiografia implica um enorme desafio, mas reflectir sobre historiografia militar é, inequivocamente, uma empreitada sempre incompleta, repleta de escolhas e omissões, mas imprescindível para a compreensão do exercício da história.

**Bibliografia activa:** BARREIROS, Fortunato José, *Ensaio sobre os Principios Geraes de Strategia, e de Grande Tactica, escriptos para instrucção dos alumnos da Escola do Exercito...*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1837; BOCAGE, Carlos Roma du, *O desembarque do Duque d'Alba em 1580*, separata da *Revista de Engenharia Militar*, Lisboa, Typographia do Commercio, 1910; IDEM, *Origem do Condado de Portugal...*, Lisboa, Typographia da Academia das Ciências, 1887; BOTELHO, José Justino Teixeira, *História Militar e Política dos Portugueses em Moçambique de 1833 aos nossos dias*, vols. I e II, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1921; IDEM, *História Popular da Guerra Peninsular*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1915; IDEM, *Do estudo das línguas vivas no Exercito*, separata da *Revista do Exercito e da Armada*, Lisboa, Typographia da Cooperativa Militar, 1901; IDEM, *Tendências da Historiografia Militar em Inglaterra nos últimos anos*, separata do *Boletim da Academia*, Coimbra, n.º 3, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931; IDEM, *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa*, vols. I e II, Lisboa, Comissão de História Militar, 1944-1948; BREYNER, António Melo, «*Considerações Historicas sobre a utilidade das praças de guerra e sua applicação á defesa de Lisboa*», in *Memorias da Academia Real das Ciências, t. I*, Lisboa, Typographia da Academia, 1854; IDEM, *Revista Militar*, vol. XIV, n.º 9, Lisboa, [s.n.], 1862; CARVALHO, Francisco Augusto Martins de, *Diccionario Bibliographico Militar Portuguez*, vols. I e II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891 (2.ª edição: Academia das Ciências de Lisboa, 1976-1979); CÉSAR, Vitoriano José, *A Fundação da Monarquia Portuguesa (Batalha d'Ourique) 25 de Julho de 1139*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1927; IDEM, *Bibliografia da Grande Guerra (resenha das publicações portuguesas)*, Lisboa, Edição dos Padrões da Grande Guerra, 1922; IDEM, *Invasões Francesas*, vols. I e III, Lisboa, Typographia Cooperativa Militar, 1903-1910; CHABY, Cláudio Bernardo Pereira de, *Apontamentos para a historia da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I mandada sahir de Portugal em 1808, narrativa do tenente Theotonio Banha*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1863; IDEM, *Excerptos Historicos e Collecção de Documentos relativos á Guerra denominada da Peninsula e ás anteriores de 1801, e do Roussillon e Cataluña...*, vols. I-IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1863-1882; IDEM, *Synopse dos decretos remmetidos ao extinto Conselho de Guerra, desde o estabelecimento d'este tribunal em 11 de Dezembro de 1640, até á sua extincção decretada em 1.º de Julho de 1834...*, vols. I-VII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1869-1889; COELHO, José Maria Latino, *Historia Militar e Política de Portugal desde os fins do XVIII Seculo até 1814*, vols. I-III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874-1891 (2.ª edição, 1916); CONCEIÇÃO, Alfredo Pereira da, *A Escola do Exército: sua fundação e evolução histórica*, Lisboa, [s. n.], 1950; CORDEIRO, Jaime Frederico, *Diccionario Militar, Etymologico, Historico*,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Technologico...*, vols. I e II, Lisboa, Typographia do Diário de Lisboa, 1880-1882; CORDEIRO, João Manuel, *Apontamentos para a História da Artilharia Portuguesa*, Lisboa, Typographia do Comando Geral de Artilharia, 1895; IDEM, *Apontamentos para a História do Arsenal do Exército*, Lisboa, [s. n.], 1892; COSTA, Francisco Felisberto Dias, *L'École de L'Armée de Lisbonne: Histoire – Enseignement – Organization*, Lisboa, [s. n.], 1900; GUIMARÃES, Rodolfo Ferreira Dias, *Vida e descendência de Pedro Nunes*, separata do *Boletim da Segunda Classe*, Coimbra, n.º 9, Imprensa da Universidade, 1915; IDEM, *Les Mathématiques en Portugal au XIX<sup>e</sup> Siècle*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1900 (2.<sup>a</sup> edição: 1909-1911); LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *Gomes Freire de Andrade: notas bibliográficas e iconográficas publicadas em comemoração do 1.<sup>o</sup> centenário da morte deste ilustre General (1817-1917)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919; IDEM, *O Tenente-General Bartolomeu da Costa: notícia biográfica*, Lisboa, Tipografia do Arsenal do Exército, 1924; IDEM, *Os Suíços no Exército Português*, Vila Nova de Famalicão, Minerva, 1937; MARTINS, Luís Augusto Ferreira, *Glórias e martírios da colonização portuguesa*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1939; IDEM, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1945; IDEM, *Portugal na Grande Guerra*, vols. I e II, Lisboa, Ática, 1934-1935; IDEM, *Uma história da acção dos portugueses na Grande Guerra*, Lisboa, [s. n.], 1935; MAYA, Fernando da Costa, *Memória Histórica e Descritiva do Real Collegio Militar*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903; IDEM, *Subsídios para a História de Portugal*, Lisboa, Typographia Universal, 1902; MELLO, António José de, *Archeologia*, Lisboa, Companhia Nacional, 1890; PIMENTA, Belisário Maria Bustorf da Silva Pinto, «Esboço da evolução das ideias militares em Portugal», *Congresso do Mundo Português. Memórias e Comunicações...*, vol. XII. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1942; IDEM, *O Marechal Saldanha, sua vida militar, suas ideias e métodos*, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. XVIII, 1957; PINA, Luís Maria da Câmara, *A batalha de S. Mamede (24-VI-1128): subsídios para a sua história militar*, separata da *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, n.º 17, 1978; IDEM, *Da personalidade militar de D. Afonso Henriques*, separata de *Alexandre Herculano à luz do nosso tempo*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1977; IDEM, *Jomini, grande senhor da Estratégia*, Lisboa, [s.n.], 1946; IDEM, *Relances de História*, Lisboa, [s. n.], 1969; PINTO, António Florêncio de Sousa, *Divagações Históricas*, Lisboa, Typographia das Horas Românticas, 1887; SANTOS, Horácio Madureira dos, *Catálogo dos Decretos do extinto Conselho de Guerra na parte não publicada pelo general Cláudio de Chaby*, separata do *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, Lisboa, n.º 34, Estado-Maior do Exército, 1958; IDEM, *Cartas e outros documentos da época da Guerra da Aclamação*, prefácio, notas e índice, Lisboa, Estado-Maior do Exército, 1973; IDEM, *Decretos do extinto Conselho de Guerra: índice geral onomástico e complemento ao aditamento do catálogo dos decretos existentes, por cópia*, Lisboa, Estado-Maior do Exército, 1977; SARMENTO, José Estêvão de Moraes, *D. Pedro I e a sua Época*, Lisboa, Imprensa Portuguesa, 1924; IDEM, *O valor histórico dos cronistas medievais e designadamente de Fernão Lopes*, Lisboa, Portugália Editora, 1923; SELVAGEM, Carlos, *Portugal Militar. Compêndio de História Militar e Naval de Portugal desde as origens do Estado Portucalense até ao fim da Dinastia de Bragança*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1931; IDEM, *A batalha de La Lys e o Marechal Gomes da Costa*, Lisboa, [s. n.], 1963; IDEM, *D. João IV e as Guerras da Restauração, os Generais e os*





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Diplomatas, as Letras e as Artes*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1972; SENA, Camilo, *Marinha de Guerra Portuguesa: apontamentos para a sua Historia*, separata da *Revista Militar*, Lisboa, Tipografia do Diário de Notícias, 1926; IDEM, *A Escola Militar de Lisboa: Historia-Organização-Ensino*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922; SEPÚLVEDA, Cristóvão Ayres de Magalhães, *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular...*, vols. I-IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924-1930; IDEM, *Historia Organica e Politica do Exercito Portuguez...*, vols. I-XVII, Lisboa/Coimbra, Imprensa Nacional/Imprensa da Universidade, 1902-1932; SIMÕES, J. M. de Oliveira, *A Escola do Exercito: breve noticia da sua Historia e da sua situação actual*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; SOARES, Francisco Pedro Celestino, *Quadros Navaes ou Collecção dos Folhetins Maritimos do Patriota, seguidos de uma Epopeia Naval Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> edição aumentada, vols. I-IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861-1869; SORIANO, Simão José da Luz, *Historia da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834*, vols. I-XVII, Imprensa Nacional, 1866-1890; TELES, Sebastião Custódio de Sousa, *Introducção ao Estudo dos Conhecimentos Militares*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1887; VEIGA, Augusto Botelho da Costa, *Estudos de História Militar Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Tipografia Henrique Torres, Lisboa, 1936-1939; VITERBO, Francisco Marques de Sousa, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal*, vols. I-III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899-1922.

**Bibliografia passiva:** *A História Militar de Portugal no século XIX. Actas do IV Colóquio...*, Lisboa, CPHM, 1995; ASSIS, José Luiz, *Militares, Ciência & Técnica. Circulação e trocas internacionais, 1850-1918*, Lisboa, Caleidoscópio, 2016; BARATA, Manuel Themudo e TEIXEIRA, Nuno Severino (dir.), *Nova História Militar*, vols. I-V, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004; BEBIANO, Rui, «Sobre a Historiografia da Temática Militar». *Actas do III Colóquio e Dia da História Militar: Portugal e a Europa dos séculos XVII a XX*, Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 1992; IDEM, «A Pena de Marte. Escrita da guerra em Portugal e na Europa (séculos XVI-XVIII)», *Minerva-História*, Coimbra, n.º 20, Edições Minerva, 2000; BESSA, Carlos Gomes, *A História Militar na Academia Portuguesa da História*, separata dos *Anais*, Lisboa, APH, 1987; BORGES, João Vieira (coord.), *50 Anos de Patronos da Escola do Exército e da Academia Militar (1953-2003)*, Lisboa, Academia Militar, 2004; CREVELD, Martin van, *The Art of War. War and Military Thought*, Londres, Cassel & Co., 2000; DIAS, Eurico Gomes, *Biografia Militar*, separata de *Os Generais do Exército Português. Da Restauração às Invasões Francesas*, vol. I, Lisboa, Biblioteca do Exército, 2003; FERNANDES, Vítor Ramon, *Paz e Guerra em Raymond Aron. Ontologia e Epistemologia da Ordem Internacional*, prefácio de Adriano Moreira, in *Atena*, Lisboa, n.º 35, Instituto da Defesa Nacional, 2016; KEEGAN, John, *O Rosto da Batalha*, trad. de José Vieira de Lima, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1987; MACEDO, Jorge Borges de, *O Bloqueio Continental. Economia e Guerra Peninsular*, in *Construir o Passado*, Lisboa, n.º 20, Gradiva, 1990; MARQUES, Fernando Pereira, *Exército e Sociedade em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989; MATOS, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional do Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Edições

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Colibri, 1998; O'CONNELL, Robert L., *História da Guerra. Armas e homens. Uma história da guerra, do armamento e da agressão*, tradução de Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema, 1995; *Panorama e perspectivas actuais da História Militar em Portugal. Actas...*, Lisboa, CPHM, 1993; BORGES, João Vieira (dir. e coord.), *Pensamento Estratégico Português. Contributos (Séc. XVI-XIX)*, Lisboa, Editorial Prefácio, 2006; TEIXEIRA, Nuno Severiano; DOMINGUES, Francisco Contente; MONTEIRO, João Gouveia, *História Militar de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2017; TEIXEIRA, Nuno Severino, «A História Militar e a Historiografia Contemporânea», in *Revista Nação e Defesa*, Lisboa, n.º 59, Instituto da Defesa Nacional, Julho-Setembro 1991; TORRAL, Luís Reis; MENDES, José Maria Amado; CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX). Da Historiografia à Memória Histórica*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996-1998; *I Colóquio "Para uma Visão Global da História Militar". Actas...*, Lisboa, CPHM, 1992; SILVA, Francisco da (et. al.), *Diccionario Bibliográfico Portuguez...*, vols. I-XXIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923; VICENTE, António Pedro, «Militares que foram historiadores em Portugal», in *Portugal Militar. Da Regeneração à paz de Versalhes. XIII Colóquio da História Militar*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2003.

Eurico Gomes Dias